

A IMPORTÂNCIA DE YEMANJÁ PARA O FOLCLORE DAS ÁGUAS NO BRASIL, PARA A UMBANDA E PARA *MAR MORTO*

Yls Rabelo Câmara (professora de Letras da UECE)

RESUMO

Nesse trabalho apresentamos Yemanjá, entidade trazida da África por meio dos escravos e cujo culto se estendeu por todo o país através das religiões afro-brasileiras como a Umbanda, mormente onde os escravos abundaram e estabeleceram descendência. Utilizamos aqui das ideias defendidas por teóricos como Barros (2006), Maroni (2008) e Câmara (2011), por citar alguns, para fundamentarmos o que presentemente analisamos. Em primeiro lugar, contextualizamos a importância de Yemanjá ao estabelecermos a ligação entre o mar (seu reino), o inconsciente e a mulher; em seguida, apresentamos brevemente o folclore das águas no Brasil e três entidades aquáticas femininas (Iara, Sereia Amazônica e Yemanjá). Com base nesse contexto, tratamos, a partir de então, especificamente de Yemanjá: sua origem africana, seu traslado para ao Brasil, sua ligação com a Umbanda e com o Catolicismo e, por último, sua representação no romance *Mar Morto*, de Jorge Amado. Concluímos que esse romance amadiano, marcado expressivamente pela presença de Yemanjá, é o único onde este orixá reina absoluto, dando-nos uma prova do quão devoto Jorge Amado foi dele, a ponto de permitir que Yemanjá marcasse um ponto de inflexão em sua carreira literária, ao quebrar paradigmas sexistas através de *Mar Morto* em plena Era Vargas, onde pouca abertura era concedida a literatas comunistas e revolucionários como ele.

Palavras-chave: Yemanjá. Umbanda. *Mar Morto*.

ABSTRACT

In this paper we present Yemanjá, an entity brought from Africa through the slaves and whose worship spread throughout the country through Afro-Brazilian religions such as Umbanda, especially where slaves abounded and established offspring. We use here the ideas defended by theoreticians such as Barros (2006), Maroni (2008) and Câmara (2011), to name a few, to justify what we are currently analyzing. In the first place, we contextualize the importance of Yemanjá in establishing the connection between the sea (his kingdom), the unconscious and the woman; then we present briefly the folklore of the waters in Brazil and three female aquatic entities (Iara, Sereia Amazônica and Yemanjá). Based on this context, we deal with Yemanjá specifically: his African origin, his transfer to Brazil, his connection with Umbanda and with Catholicism and, finally, his portrayal of Jorge Morado's novel *Mar Morto*. We conclude that this Amadian novel, marked expressively by the presence of Yemanjá, is the only one where this orisha reigns absolute, giving us a proof of how devout Jorge Amado was of him, to the point of allowing Yemanjá to mark a turning point in his literary career, by breaking sexist paradigms across the Dead Sea in the Vargas Era, where little openness was given to communist and revolutionary writers like him.

Keywords: Yemanjá. Umbanda. *Mar Morto*.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O culto a Yemanjá e sua presença marcante em *Mar Morto*, de Jorge Amado, ambientado em grande medida no porto soteropolitano do início dos anos 1930, é um assunto relevante no que tange à sua análise porque reflete questões sócio econômicas e culturais tipicamente nordestinas. Daí o porquê e a razão de nosso levantamento bibliográfico, que nos deu base para dissertarmos sobre “A importância de Yemanjá para o folclore das águas no Brasil, para a Umbanda e para *Mar Morto*”.

Primeiramente descrevemos a importância do mar e sua relação com o feminino e com o inconsciente. A seguir, tratamos do folclore das águas no Brasil e enfocamos a figura de três entidades aquáticas femininas de nosso país: a Iara, a Sereia Amazônica e Yemanjá, nosso orixá mais cultuado. Tendo exposto a figura e a importância dessa última, nos detemos na herança religiosa trazida pelos escravos africanos para o Brasil, onde Yemanjá ocupa um lugar destacado em seu panteão. Por último, analisamos sua presença na obra *Mar Morto*, o romance amadiano que mais abundantemente plasma a figura dessa mulher-entidade sedutora, protetora e mortal.

1. O MAR, O FEMININO E O INCONSCIENTE

De acordo com Cunico (2006), o mar tem sido associado ao ignoto e à superstição desde que o homem começou a singrar suas águas em busca de alimento e glória. Quando não podiam explicar os fenômenos que ocorriam em alto-mar, os navegantes associavam tais “assombrações” à presença de seres mitológicos, os temidos monstros marinhos que habitavam sua imaginação.

Além dessa conotação mágica, o mar tem sido igualmente associado a uma representação de nosso inconsciente. Metaforicamente falando e guardadas as devidas proporções, segundo Markale (2001), as águas do mar têm sido interpretadas pela Psicanálise como um elemento que alberga em seu âmago muito desconhecimento acerca de nossos próprios mecanismos psicológicos. De acordo com Penna (2000), as águas são *fons et origo*, a

base de toda manifestação cósmica, de onde tudo surge e para onde tudo retorna quer seja por regressão ou cataclismo.

Em outras palavras e a partir das conclusões de Penna (2000), é inconteste a conexão das águas (onde peixes e seres encantados habitam) com o processo de transformação da vida, suas etapas, do nascimento à morte. Em linhas gerais, o mar é o responsável pela gênese da vida, e tem-se assegurado ao elemento feminino o papel de guardiã das águas em muitas culturas antigas e atuais. Conforme Gallego-Bernard (2006), as águas livres ou não represadas são tradicionalmente relacionadas com os seres aquáticos femininos que nos despertam a libido, já que simbolizam a liberdade e a intempestividade, segundo as circunstâncias e os múltiplos fatores externos. O mar é definido por Barros (2006) nos seguintes termos:

O mar, assim como Yemanjá, arquetipicamente, seriam instâncias geradoras de vida e também de morte. Sob este enfoque, o mar seria como um útero gerador de vida. Ao mesmo tempo, simbolicamente na esfera do inconsciente psíquico, uma profundidade desconhecida, terrível, descomunal, que também destrói a vida, engolindo-a em sua imensa escuridão. Yemanjá é a Rainha desse mar, portanto seria a grande geratriz mítica afro-brasileira. [...] As águas oceânicas, reino dessa divindade no Brasil, representariam um grande útero, onde se realiza constantemente geração, renovação e regeneração da vida. Suas águas representariam a volta às origens. (BARROS, 2006, p. 108-109).

Em se tratando de gênese, a mulher é geratriz e a água também; a vida veio da água e a mulher concebe. A mulher, a água e o peixe são símbolos ancestrais ligados à procriação e pertencentes ao mesmo conjunto simbólico de fecundidade. O peixe *per se* é um símbolo bastante antigo do mistério da fecundação e foi objeto de culto religioso na Síria, no Egito e na Fenícia. “O papel que o peixe representa na tradição judaico-cristã teria começado justamente nessas antigas devoções” (PENNA, 2000, p. 24).

Comparando o meio aquático onde vive o peixe com o meio aquoso do ventre materno, bem podemos representar a mulher através da figura do peixe (senão externamente, pelo menos internamente, em termos orgânicos). Isso se dá se considerarmos que a presença da trimetilamina no fluido vaginal faz com que mulheres e peixes se assemelhem em odor, tal como defende Markale (2001). No presente trabalho, as três entidades a quem nos referimos têm muito dos peixes: a Iara vive à beira dos rios, junto aos peixes, protetora; a Sereia amazônica, cuja metade inferior do corpo é representada por um rabo de peixe, protegendo

os seres que habitam as águas onde ela vive; Yemanjá é reverenciada como a Senhora das Águas e representada no Catolicismo por Nossa Senhora Aparecida, considerada a *Mãe dos Peixes* (CÂMARA, 2009).

Popularmente se tem associado a lua às águas marinhas, de maneira a mostrar a influência daquela sobre estas através do fenômeno das marés. Lua e água são substantivos femininos em português, tal como lhes conferimos um caráter puramente feminino tanto a uma quanto à outra. A Lua e a mulher: ambas têm um período de vinte e oito dias; ambas representam o mistério que fascina o homem. Nas representações pictográficas mais comuns de Yemanjá vê-se a lua por detrás dela, no canto superior esquerdo, de onde o astro feminino é o único foco de luz que ilumina toda a cena (CÂMARA, 2009).

Passemos agora ao tema do folclore das águas no Brasil, país que alberga a maior bacia hidrográfica do planeta, em cujas lendas sobre entidades aquáticas habita a figura da mulher bela, misteriosa e mortal representada pela Iara indígena, pela Sereia Amazônica e pela africana Yemanjá.

2. O FOLCLORE DAS ÁGUAS NO BRASIL

O elemento aquático tem apelos diferentes nas distintas regiões do Brasil, o maior país da América Latina, que conta com 9.198 km² de litoral. (DEL PRIORI, 2016). Há aquelas regiões como a Norte, em que os mananciais abundam e a pesca é riqueza corrente; outras há, como a Nordeste, em que sua escassez é fonte de sofrimento pelas secas que provocam. Tanto nessas quanto naquelas, a crença em seres aquáticos de natureza mística é uma constante no inconsciente coletivo e fomenta a superstição popular. Dentre esses seres podemos citar três entidades femininas analisadas nesse artigo: a Iara, a Sereia Amazônica e Yemanjá.

Segundo Câmara (2009), O produto da mescla de três culturas distintas¹ contribuiu para com o mito da feiticeira das águas. O europeu trouxe-nos a lenda da Sereia e o africano,

¹A autóctone, com os indígenas pré-colombianos; a europeia, com os portugueses que iniciaram a colonização a partir de 1530, e com a africana, junto aos escravos trazidos da África a partir de 1859 (DEL PRIORI, 2016).

a de Yemanjá; os índios nativos já tinham a sua Mãe d'Água, a sua Iara. A imagem da mulher sedutora, misteriosa e mortal, personificada nessas três entidades aquáticas, é parte indissociável do folclore das águas no Brasil. Os seres pavorosos que alimentavam a superstição do português colonizador e que assombavam as tripulações, com o passar do tempo e ao desembarcarem em terras brasileiras, foram sendo rebatizados com nomes indígenas, de acordo com Cascudo (1967). Assim é que surgiram as lendas do Curupira, do Lobisomem, do Boitatá, do Saci-Pererê e da Iara (Mãe d'Água).

A seguir, discorreremos brevemente sobre duas dessas entidades aquáticas e que estão intrinsecamente relacionadas ao folclore das águas ribeirinhas: a Iara e a Sereia Amazônica. Em seguida e com maior destaque, traçamos um breve estudo sobre Yemanjá, a Rainha do Mar, a entidade aquática feminina mais cultuada desde a segunda metade do século XIX no Brasil, e sua ligação a Umbanda.

3. ENTIDADES AQUÁTICAS FEMININAS BRASILEIRAS

O folclore brasileiro conta com duas entidades aquáticas femininas prévias à Yemanjá: a Iara e a Sereia Amazônica – mas todas são mulheres belas e sedutoras, que levam seus eleitos à morte ao arrastá-los indefesos e hipnotizados por seus encantos para o coração das águas; todas são mulheres condenadas que não podem amar nem ser amadas, sob pena de condenar também seus escolhidos; todas são entidades protetoras do meio aquático em que vivem; todas são provedoras tanto da vida quanto da morte.

3.1 A IARA

A Iara, corruptela por aférese de *Yiara*, de acordo com Magalhães (1939), era uma índia de longa melena negra que campeava livre e nua entre seu povo, rodeada por animais que aludiam a uma harmonia completa dos indígenas com a natureza ainda intocada pelo colonizador. Segundo Britto (2007), sua ligação profunda com o elemento aquático pode ser assim descrito:

A Iara – Mãe d'Água – vive nas encantarias do fundo dos rios. Ela atrai os moços e os fascina, mostrando-lhes seu rosto belíssimo à flor das águas e deixando submersa a cauda de peixe. Para seduzi-los, faz promessas de todos os gêneros. Para aumentar o estado de encantamento, entoa belas melodias com linda voz e os convida a acompanhá-la para o fundo das águas do rio sob a promessa de uma eterna bem-aventurança em seu palácio, onde a vida é uma felicidade sem fim. Quem tiver visto seu rosto uma única vez, jamais poderá esquecê-lo. (BRITTO, 2007, p. 78).

A Iara não amava em absoluto, a Iara matava. Os indígenas brasileiros possuem incontáveis entidades aquáticas, mas absolutamente nenhuma delas possui as características mortais da Iara; tampouco se pode falar de seus beijos sedutores porque o beijo era um afago desconhecido para o índio brasileiro de então. Os nativos não contam com seres sensuais em seu panteão mitológico e a beleza feminina é descrita como uma referência estética e não como uma expressão da libido. A Iara representava para eles a guardiã dos rios, de sua fauna e de sua flora mas que, ao mesmo tempo, servia-se dos mais desavisados para sua satisfação pessoal.

À luz de CÂMARA (2009), com a chegada do homem branco e tudo o que isso acarretou, a Iara passou por uma metamorfose brutal: foi pouco a pouco sendo rechaçada a um rincão sociocultural onde o olvido a eclipsou, juntamente com a ótica etnocêntrica cristã que a definia como um reflexo da **cultura pagã do índio ignorante** (grifo nosso). Já no século XIX, após quatrocentos anos de mutilação de sua imagem e de sua lenda, a Iara acabou por ser descrita em um soneto do parnasiano Olavo Bilac (*A Iara*) como sendo uma moça alva, de olhos e cabelos claros (atributos que agradavam à escola literária à qual o poeta fazia parte, mas que em nada lembravam a Iara nativa). Esta descaracterização crescente e progressiva fez com que paulatinamente fôssemos perdendo o referencial de suas características primitivas mais arraigadas.

Concomitantemente ao seu ocaso, no norte do país, outra entidade aquática feminina foi ganhando destaque: a Sereia Amazônica.

3.2 A SEREIA AMAZÔNICA

Britto (2007) defende a ideia de que a interação do amazônida com o elemento aquático gerou a chamada civilização ribeirinha, na qual os rios, lagos, igarapés e igapós são fontes de vida, de morte e do imaginário local. No Brasil, conforme Almeida (1965), associa-se a figura da Sereia Amazônica (remanescente da Sereia europeia, uma versão tupiniquim do mito da mulher inatingível) com os rios e lagos amazônicos, sentada sobre pedras ou troncos flutuantes.

Os caboclos creem que à ela é outorgado o poder de cuidar das águas fluviais e de seus habitantes, assim como o de castigar os pescadores que ousam pescar mais do que lhes caberia ao escassear os bancos de peixe, fazer desaparecer os equipamentos de pesca ou provocar um câmbio temporal que lhes impeça de continuar ultrajando os recursos biológicos que os rios e lagos lhes oferecem (CÂMARA, 2009). Em geral, é bastante temida pelas populações ribeirinhas que confirmam sua habilidade para sequestrar quem se aproxima das vertentes onde se encontra.

Com o passar do tempo e especialmente onde o coletivo escravo se intensificou no Brasil, uma deidade cruzou-lhe o caminho e a foi conduzindo a uma esquina onde hoje se encontra menos em foco: Yemanjá, a entidade aquática feminina afro-brasileira por excelência e sobre a qual tratamos doravante.

3.3 YEMANJÁ

Freitas (2007) esclarece que na mitologia africana o primeiro casal divino era formado por Obatalá, o céu, e Odudua, a Terra. Dele nasceram Aganjú, o firmamento, e Yemanjá, as águas. Um dia, Aganjú foi tomado por um profundo desejo sexual para com sua irmã e sabendo-se sozinho com ela, perseguiu-a com o objetivo de violentá-la. Em algumas versões deste mito Aganjú realmente possui Yemanjá; em outras, ela consegue fugir, mas em ambas as versões, em seu desespero, Yemanjá acaba por rolar pelo espaço infinito e seu ventre cresce, para em seguida abrir-se, nascendo a vida de suas entranhas. De seus seios, que também se avolumam, saem as águas doces que passam a formar os rios. Okun, o oceano onde ela passa a viver, é criado *a posteriori*.

Seu nome advém da corruptela de *Yamonja*, que significa “mãe dos filhos dos peixes” e está associado à pesca, aos rios e à maternidade. Em suas origens Yemanjá era uma entidade hidrolátrica tribal associada às grandes Mães Feiticeiras, detentoras de poderes criadores e destruidores, de acordo com Barros (2006). Por essa mesma razão, por representar uma Deusa Mãe fértil e provedora de abundância, Yemanjá costumava ser representada como uma mulher entrada em carnes e negra, de lábios carnudos e seios fartos, numa imagem condizente e coerente com suas raízes étnicas.

Com sua chegada ao Brasil e sob a influência sociocultural de seu novo *habitat*, passou-se a representá-la como uma jovem de pele alva e traços notadamente europeus, com cabelos negros de longo talhe, alta e esbelta, a caminhar lânguida e pacificamente por sobre as águas salgadas do mar. Numa noite clara, com a lua em quarto crescente por detrás, a vemos com seu longo vestido azul - a expressão serena e distante, os braços ao longo do corpo e de cujas mãos desprendem-se pontos brilhantes que interpretamos como obséquios sagrados, tal como Nossa Senhora das Graças na tradição católica. Sua longa e negra melena, igual a da Iara, é levemente varrida pela brisa que não ousa levantar ondas a seu passo: o mar respeita sua senhora. “Embora sensual, essa nova imagem proposta não representa uma figura sexualizada da mulher Yemanjá” (Barros, 2006, p. 36). A transformação da Yemanjá nativa na Yemanjá que conhecemos foi de vital importância para a sobrevivência de seu culto no Brasil. “Yemanjá permaneceu, mas se transformou” (*ibid*, p.109).

Sua imagem é normalmente vinculada a elementos naturais como pombas, ovelhas, pedras marinhas, conchas e, obviamente, o mar. O azul claro, o verde claro, o rosa e o branco são suas cores prediletas; dentre os metais, o seu favorito é a prata e o seu dia da semana é o sábado. Gosta de luxo, de conforto e dos prazeres carnavais. É mulher guerreira, caprichosa, orgulhosa e rancorosa ainda que carinhosa, compreensiva, solícita, ardorosa e maternal. Provedora, reflexo da **mãe suficientemente boa** defendida por Winnicott (1997 *apud* CÂMARA, 2011), ela dá e ela tira; ela afaga e ela fere; mostra suas múltiplas faces em consonância com o momento e com seus motivos.

Sobre esse conceito, Winnicott (1997 *apud* CÂMARA, 2011) explica que a maturidade do adulto não surge por acaso, mas de um processo anterior, complexo e contínuo que vai desde a mais tenra infância até a última fase do ciclo vital, resultando em um processo

de desenvolvimento emocional. O sujeito não nasce autônomo: torna-se inteiro, integrado. Para que a maturidade desejada seja alcançada, dois fatores vão ser fundamentais: a mãe como suporte familiar e o meio salutar. Em *Mar Morto*, Guma necessitou desprender-se da imagem da mãe, que nunca lhe provera suporte familiar nem meio salutar e ainda que sonhasse em encontrá-la, quando a encontrou e com ela copulou sem o saber, despreendeu-se das amarras que o prendiam a uma dependência infantil e, nesse caso, sem sentido. Contudo, essa necessidade inconsciente da mãe Guma transferiu para Yemanjá, seu orixá protetor: dela recebia os obséquios e os castigos quando merecidos, no meio salutar no qual se inseria e contando com apoio familiar sempre que necessário.

Essa Deusa Mãe da cultura africana, cultuada nas religiões afro-brasileiras como a Umbanda, é um dos maiores presentes que nos legaram os escravos que para o Brasil foram trazidos, como observamos na próxima sessão.

4. A HERANÇA RELIGIOSA DOS ESCRAVOS AFRICANOS E O CULTO A YEMANJÁ

Estima-se que um total de 3.600.000 escravos foram trazidos da África para o Brasil entre os séculos XVI e XIX para trabalhar nas plantações de cana de açúcar e de cacau, na mineração de ouro e prata e, posteriormente, na plantação de café, uma vez que os índios se mostraram indóceis à ideia de serem escravizados (LIMA, 2015). Tal montante de escravos africanos fez do nosso o segundo maior país escravagista do mundo. Ao longo de três séculos, as inúmeras etnias com idiomas e culturas milenares, distintas entre si, foram se mesclando e criando um sistema de valores próprios.

Os primeiros estudos sobre a cultura negra no Brasil foram levados a cabo por Nina Rodrigues (1894) e Homero Pires (1932), ambos extremamente preconceituosos se analisados sob a ótica hodierna. De acordo com Nina Rodrigues, as manifestações religiosas dos negros eram uma expressão da histeria. Além do que, julgava os negros inferiores aos brancos, refletindo uma opinião geral do senso comum da época. Já Homero Pires era mais

enfático e cria que as religiões afro-brasileiras eram um exemplo claro de degeneração, como defende Lima (2011).

Ainda que os considerassem algo mais do que animais, os brasileiros de outrora os temiam, tanto que as famílias de escravos que aqui chegavam eram imediatamente desmembradas para evitar rebeliões. Nesse sentido também se proibia a livre prática de suas religiões, cujos orixás seguiam sendo cultuados de maneira metamorfoseada em santos católicos, conforme Barros (2006):

Iansã metamorfoseou-se em Santa Bárbara; *Oxalá* em Jesus Cristo; *Oxossi* em São Sebastião; *Xangô* em, dentre outros, São Jerônimo e São João Batista; *Ogum* em São Jorge; *Omulu* em São Lázaro; *Nana* em Sant’Ana”. Outros santos “metamorfoseados” e não menos importantes são, a saber: *Exu* em Santo Antônio, *Obá* em Santa Rita de Cássia e Santa Joana D’Arc, e *Oxum* em Nossa Senhora da Conceição. (Barros, 2006, p. 36).

A presença dos orixás é comum a todas as religiões afro-brasileiras, onde a maioria deles é cultuada até hoje tanto na África como nas Américas. Os mais conhecidos são: Yemanjá, Obá, Iansã, Euá, Otim, Erinlé, Logum Edé e Oxum – todos são protetores de rios específicos, ainda que, curiosamente, Yemanjá tenha herdado aqui o patronato das águas salgadas, transformando-se na Rainha do Mar. Orixá feminino por excelência, ela é símbolo de fertilidade e feminilidade, popularmente reconhecida como a mãe de todos os orixás. Sua emigração forçada para destinos tão longínquos como o Brasil fez com que aqui resignificássemos o seu mito, que ganhou contornos ameríndios e europeus ao lhe serem incorporadas características de entidades aquáticas femininas tão díspares como a Iara e a Sereia Amazônica: “O culto de Yemanjá chegou ao Brasil entre o fim do século XVII e início do século XVIII com a vinda da etnia Ebá, uma das últimas agregadas ao cenário brasileiro” (Castro Júnior *et al.*, 2014).

Yemanjá, a Grande Mãe, a que dá e a que tira, que protege e faz perder, que dá a vida e provoca a morte, tal como as deusas pré-cristãs europeias, orientais e africanas, ganhou igualmente uma nova roupagem ao ser equiparada à Virgem Maria católica, numa clara demonstração do sincretismo religioso que se formou e se desenvolveu a partir de uma tolerância social que foi sendo construída, ao passo que seu mito foi sendo disseminado e aceito (PRANDI, 2003). Esse longo processo de aculturação e sua associação mítica à mãe de

Cristo fez com que sua aura original de mulher sexualmente ativa sofresse alterações. Suas arestas mais genuinamente “selvagens” e “primitivas” tiveram que ser aparadas, remodeladas e redefinidas para melhor corresponder às características mais castas da Mãe de Deus.

À luz de Barros (2006), Yemanjá assume outros nomes pelos quais também é conhecida: Janaína, Dona Janaína, Malemba, Dona Maria, Ianê, Iemanjá, Caiala, Marabô, Princesa de Aiocá, Minha Madrinha, Minha Mãezinha, Mãe Dandá, Oxum-Malê, Princesa do Mar, Dandalunda, Rainha das Águas e Sereia do Mar. Para Blass (2007), ela não é somente mãe, mas é mãe e esposa. Ela ama os homens do mar e os protege, mas quando os deseja, mata-os e torna-os seus esposos nas profundezas oceânicas, tal como o faziam a Iara e a Sereia Amazônica que lhe precederam.

Seu culto, sempre no mar, alastrou-se de norte a sul do país (em umas regiões mais do que em outras). No dia 2 de fevereiro, no Rio Vermelho (Bahia), e no Rio Grande do Sul, com a Festa dos Navegantes; no Recife sua festa é no dia 8 de dezembro; no Rio de Janeiro, a grande homenagem à Yemanjá, chamada também de festa de Nossa Senhora da Candelária, se dá na última noite do ano. No dia 16 de julho, Dia de Nossa Senhora do Carmo, à noite, em lugares ermos e naturais (às margens de lagos e rios e em volta das cachoeiras), integrantes dos cultos afro-brasileiros levam-lhe oferendas na chamada **cesta-de-Oxum**, cuja entrega ocorre com cantos, toques de atabaques e danças, como explica Benjamim (2007).

Na grandiosíssima maioria dessas festividades, a enorme multidão lhe acende velas e lhe canta louvores; pequenas embarcações coloridas de azul são fabricadas em diversos tamanhos para levar os mais variados presentes à Rainha do Mar. Para realçar sua vaidade, frascos de perfumes e de talco, espelhos, pentes, batons e sabonetes, além de enfeites de todo tipo e roupas são atirados ao mar, aos rios ou às cachoeiras por seus fiéis seguidores; flores são colocadas numa grande cesta que é levada por um saveiro rumo ao alto mar, com o intuito de que lhe seja simbolicamente entregue. Junto com todos esses presentes vão também as cartas com os pedidos daqueles que dela esperam uma intervenção no referente a casos de amor (FREITAS, 2007).

O mito de Yemanjá está intrínseca e visceralmente relacionado com a *imago* materna, ou seja, com o desejo inconsciente do ser humano (representado amiúde pelo elemento masculino) de voltar ao regaço da mãe. Normalmente os grandes mitos primitivos universais

estão associados a relações familiares neuróticas onde o tabu do incesto é uma constante, tal como defende Ramos (1949). Ainda segundo esse autor, no que diz respeito a Yemanjá, não poderia ser diferente: o feitiço exercido por entidades como ela leva o homem de volta à relação incestuosa e edipiana com a mãe, o que gera o tabu rechaçado socialmente, especialmente depois do advento do Cristianismo, e que tem de ser simbolicamente punido. Yemanjá representa a mãe desejada que, quando possuída, devido ao seu aspecto fálico, castiga e devora seus filhos. Esta é a razão pela qual ela reina absoluta sob as águas abissais onde repousa o nosso inconsciente – seu segredo deve morrer juntamente com aqueles que o descobrem (AFONSO, 1995). Yemanjá, mãe e amante; Yemanjá que seduz e mata; Yemanjá que nos incita a buscá-la e ao encontrá-la nos deparamos com as nossas próprias limitações - parede onde esbarram nossos instintos e que nos remetem ao grande útero: o mar, gerador de vida e morte, seu domínio, onde ela reina absoluta, poderosa e soberana.

Esse orixá, dentre todas as divindades do panteão ao qual pertence, foi o que mais mudanças sofreu, especialmente a partir do momento em que foi comparado à Virgem Maria. Assim sendo, passou a ser equiparado a Nossa Senhora da Conceição; na Bahia, a Nossa Senhora das Candeias, Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora do Rosário. Outras faces de Nossa Senhora assumidas por Yemanjá são, por exemplo: Nossa Senhora das Dores e Nossa Senhora da Boa Viagem, em Recife; Nossa Senhora do Bom Parto, no Maranhão, e Nossa Senhora dos Navegantes, em Porto Alegre. Outras de suas manifestações: Nossa Senhora Aparecida, a Padroeira do Brasil, e Nossa Senhora de Nazaré, a morena proteção dos navegantes amazônicos. Freitas (2007) complementa argumentando que mesmo adotando um novo contorno para adaptar-se a uma realidade completamente diferente da sua originalmente, Yemanjá continua sendo a maior representação do sincretismo religioso brasileiro; mito vivo, atual e crescente. Seu culto representa um testemunho fidedigno da resistência negra no Brasil e da capacidade dos escravos e de seus descendentes para criar e recriar em meio à dolorosa fragmentação de seu sistema sagrado. Ela vem cada vez mais influenciando a cultura brasileira, provando que sua presença entre nós é cada vez mais aceita, ainda que sob uma capa de preconceito por parte daqueles que ainda a vinculam com o Mal.

À luz de Bastos (2009), com o avançar do fim do período escravagista, os negros puderam pagar por sua liberdade. Historicamente falando, a Abolição da Escravatura deu-se

em 1888 e a Proclamação da República, um ano depois. Com a liberdade veio também o desemprego. Os ex-escravos não foram imediatamente inseridos socialmente, mas passaram a vivenciar um abandono institucionalizado: para a Igreja, não contavam como fiéis; para os abolicionistas, não contavam como cidadãos. A grande maioria passou a viver dos escassos subempregos oferecidos. Sem ocupação definida, os ex-escravos colidiam com a concorrência desleal de imigrantes europeus e asiáticos que eram bem-vindos como mão de obra barata. As mulheres, mais numerosas e com mais sorte para conseguir trabalho, desinteressavam-se de manter relações com esses homens que não podiam lhes oferecer segurança financeira. Assim sendo, dedicavam-se mais amiúde às práticas religiosas. Hodiernamente, constatamos ainda nos terreiros a presença massiva de mulheres que tampouco se sentem dependentes de seus parceiros, mas sim dos orixás que cultuam.

Na ausência de uma figura paterna protetora, esse papel acabou sendo atribuído a essas mães nutrícias. A mulher passou a ser, então, uma referência de luta e sobrevivência para a sua prole e para a comunidade na qual estava inserida. Na mitologia tradicional que dá base à Umbanda, assim como às outras religiões afro-brasileiras, a mulher está acima do homem, em uma posição privilegiada. É essa posição o que ajuda a explicar e justificar a respeitável participação feminina nessas religiões, presença esta capitaneada por Yemanjá.

A seguir, analisamos mais de perto, ainda que brevemente, a presença desse orixá na obra amadiana *Mar Morto*.

5. YEMANJÁ EM *MAR MORTO*, DE JORGE AMADO

A Literatura é um campo do saber que dialoga com outros vários em uma construção inter, intra e multidisciplinar. Contextualizando a importância de Yemanjá como orixá e como a **mãe suficientemente boa winnicottiana** (CÂMARA, 2011), Jorge Amado escreveu *Mar Morto*, romance regional da segunda geração modernista e publicado por ele em 1936, quando tinha apenas vinte e quatro anos de idade.

Considerada uma obra de sua primeira fase como escritor, uma prosa poética permeada de lirismo, sua publicação foi duplamente impactante: devido a ela, no mesmo ano, Amado foi condecorado com o Prêmio Graça Aranha pela Academia Brasileira de Letras e

recebeu o título de “Doutor em Romance” por um encantado Mário de Andrade (RAYOL, 2011). Se posto em paralelo com todos os seus outros livros, esse estaca-se por retratar de maneira visceral o cais do porto de Salvador e a mitologia que o cerca, que gira em torno de Yemanjá (GERMANO, 2012). Essa quinta obra do autor não se remete a uma trama histórica, comum aos romances regionalistas da época, o que significa uma ruptura ousada por parte de Amado. Nela ele recria o mito yorubá de Yemanjá, revestindo-o de uma nova linguagem, recriando-o em uma nova modalidade de narração.

A obra foi adaptada para radionovela, transmitida pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro em 1940 e, em 1941 foi outra vez adaptada e transmitida (também em forma de radionovela) pela Rádio *El Mundo*, de Buenos Aires, no momento histórico no qual o veículo de comunicação de massa não era o cinema ou a televisão, mas o rádio, na chamada Era do Rádio, que predominou nas décadas de 1940 e 1950 (RIOS, 2004). “Coincidentemente”, ainda conforme Rios (2004), no mês de falecimento de Amado, cuja repercussão midiática foi macro e persistente, a Rede Globo de Televisão passou a transmitir a novela *Porto dos Milagres*, uma junção descaracterizada e negativamente criticada do romance aqui analisado.

Entrando um pouco mais no cerne da questão, em quanto à trama de *Mar Morto* Oliveira (2011) nos relata que:

Mar Morto aborda a vida, os amores, as crenças e a paixão pelo mar dos pescadores do litoral da Bahia, cujas vidas estavam voltadas diretamente para o local governado pelo orixá mais respeitado e cultuado do litoral baiano, Iemanjá, a rainha do mar, na religião afro-brasileira denominada Candomblé. Sua narrativa trata da história de amor e luta de Guma e Lívia, diferentes em pensamentos e visão da vida, porém unidos pelo amor e separados pelo mar. Nesta obra, tem-se o relato de histórias ouvidas dos velhos marinheiros, mestres de saveiros, pretos tatuados, ou seja, do povo que vivia do mar e para o mar. Jorge Amado põe em foco ainda as mazelas que o cais da Bahia possui através da prostituição, do contrabando, e da condição de vida das mulheres viúvas que perdem seus maridos nas noites de tempestades, entre outras. (OLIVEIRA, 2011, p. 18).

Vista por um prisma mais espiritualista, a obra é uma metáfora do Brasil através de personagens que lembram os mitos africanos que envolvem Yemanjá:

Exaltando a virilidade devastadora de Guma, o amor maternal de Lívia, a sexualidade desenfreada de Esmeralda, a ambiguidade de Rosa Palmeirão, o

ciúme destrutivo de Rufino e a benevolência de dona Dulce, Jorge Amado, ao recriar o mito de Iemanjá e Orungã reconfigura a representação dos deuses da mitologia africana e transforma a Bahia em metáfora do Brasil. (SANTOS, 2013, p. 44).

O título *Mar Morto* chama a atenção porque evoca a morte, catalizadora de mudanças importantes na vida de personagens femininas ligadas à figura de Guma, o protagonista, arrastado para o reino de Yemanjá depois de uma tempestade (BUENO, 2012). A morte, nesse romance premiado, antes de ser libertária é ansiosamente esperada. Os homens do mar sabem que seu destino é sair para pescar diariamente até que um dia a Rainha do Mar os reclamará e eles se unirão com ela para além das fronteiras da vida: “Os homens na beira do cais só têm uma estrada na vida: a estrada do mar. Por ela entram, que seu destino é esse. O mar é o dono de todos eles. [...] Do mar vem a música, vem o amor e vem a morte”. (AMADO, 2004, p. 21). Como afirma Santos (2013):

O mar é a casa de Dona Janaína e última morada dos marinheiros afogados: “é doce morrer no mar...” Assim, as personagens amadianas são apenas coadjuvantes, para que seja evidenciada a pequenez do homem do cais da cidade da Bahia, diante da força inexorável da natureza. (SANTOS, 2013, p. 54).

O mar *per se* é uma personagem importante nessa e em muitas outras obras litorâneas de Amado. Em *Mar Morto*, a relação entre o mar e as personagens difere quanto ao gênero dessas, à luz do que defende Vaughan (1997): os marinheiros o respeitam porque sabem que ele é o reino de Yemanjá, a **mãe suficientemente boa winnicottiana**, segundo Câmara (2011), que lhes dá o peixe, mas que um dia, inquestionavelmente, os “pescará”. Conforme Amado (2004, p. 67), ela “[...] é dona do cais, dos saveiros, da vida deles todos... Ela é sereia, é a mãe-d’água, a dona do mar...” As personagens femininas temem esta troca irrevogável e esperam, angustiadas mas com resignação, o dia em que a mesma se dará e que elas tenham que virar prostitutas no cais do porto para seguir como mantenedoras de seus lares após o falecimento de seus maridos.

Para Rayol (2011), as duas únicas personagens que não se conformam com esta relação entre o mar e os que dele subsistem são Livia e a Professora Dulce. Nenhuma delas nasceu no cais; ambas são da cidade alta e têm bastante educação formal; sabem que essa não tem porque ser uma verdade irrevogável e que depende da mulher aceitar essa imposição até

certo ponto supersticiosa. Independentemente do que ambas sentem e pregam. Reiteramos: Yemanjá é constantemente reverenciada nessa obra:

Nas estradas líquidas, poder-se-ia ter companhia da poderosa divindade transmundana, que é uma mulher: Iemanjá. Destaca-se, assim, a divinização da mulher, contrapondo-se àquela mulher dona de casa conformada e submissa. Essa mulher mítica é Iemanjá, ou Janaína para os canoeiros; uma guerreira, forte, poderosa, que agita as águas nas tempestades e depois acalma com o sol se abrindo para um amanhecer, com uma brisa litorânea agradável. Os marinheiros contemplam, respeitam, reverenciam e presenteiam Iemanjá e, segundo Jorge Amado, ela atende aos desejos dos homens do mar. (CASTRO, 2015, p. 45).

Sua importância alcança tal envergadura nesse romance que a primeira parte dele, composta de doze capítulos, intitula-se “Iemanjá, Dona dos Mares e dos Saveiros”. Nessa obra, Guma (Xangô, Ogã de Yemanjá) é o filho espúrio de um marinheiro irresponsável e de uma moça abastada, que por esse enganada e abandonada transforma-se em prostituta. Quis o destino que mãe e filho se reencontrassem quando o jovem tinha doze anos de idade, em sua primeira noite de amor: apresentado a uma prostituta por seu tio, Guma disfruta com ela a perda de sua virgindade e descobre depois que a perdera com a sua própria genitora. Tal como nos mitos de Édipo e Jocasta, de Morgana e Arthur e de Orungã e Yemanjá, Guma fica transtornado com o incesto desnecessário e imprevisível e é assim que Guma/Orungã passa a procurar essa amante/mãe em todas as mulheres subsequentes que a vida lhe outorgou. Entre essas, três se destacam: Rosa Palmeirão, Esmeralda e Lívia, representantes de Yemanjá em seus vários aspectos de amante e mãe. Dito de outro modo:

A presença de Iemanjá, na obra de Jorge Amado, não se restringe às suas ligações com o mar, tradicionalmente reconhecida na cultura brasileira, mas se estende à construção do feminino. Seja no estudo de suas características – físicas ou psicológicas – ou, por meio da análise de sua trajetória no romance, as personagens femininas possuem traços que evocam esse orixá (PONCE & GODOY, 2014, p. 202).

Rosa Palmeirão, ambígua quanto a seus estereótipos de mulher (ao mesmo tempo valente e carente, representante da Yemanjá guerreira do mito yorubá), trata Guma como amante-filho e mais tarde se compromete em ser a avó dos filhos desse. Lívia é o grande amor da vida de Guma, a mulher que ele julga haver sido enviada para ele pela própria Yemanjá,

já que a conhece numa noite chuvosa, na macumba de Pai Anselmo, após haver praticado um ato heroico resgatando os tripulantes do navio “Canavieiras”. Lívia tem os cabelos lisos, negros e escorridos da chuva, molhados como a própria Yemanjá ao estendê-los no mar em noites de lua cheia. Contrariamente a essas mulheres que somam à vida de Guma, Esmeralda entra em sua vida para destruir, matar e morrer; tem o arquétipo de Iansã². É uma bela moça, casada com Rufino, o melhor amigo de nosso protagonista, e ela mesma a melhor amiga de Lívia. Representa a mulher traiçoeira, sensual e fatal que tem o biotipo das Deusas Mães: ancas largas e seios fartos que escravizam Guma e o fazem mentir, dissimular e cometer adultério. Uma vez descoberto o caso de amor entre eles, Rufino mata Esmeralda e se afoga no mar. Tal como Yemanjá, Esmeralda seduz e mata, arrastando seu homem para as águas profundas que formam seu reino.

Ao trair Lívia e provocar as mortes de Esmeralda e Rufino, Guma esgarça os laços de confiança que mantém com seu orixá protetor, Yemanjá, que vingativa e justa à sua maneira, o arrasta para ser seu amante nas plácidas águas profundas. De acordo com Santos (2013):

Na mitologia, Transgressão x Punição é um par constante. Aqueles que violam as leis que regem o grupo social serão punidos. No romance ora analisado, a punição de Guma foi aplicada pela deusa do mar, no momento, em que ele protagoniza seu último ato heroico, ao salvar da morte Toufick e Antônio, filho de F. Murad. (SANTOS, 2013, p. 51).

A trágica morte de Guma desperta em Lívia o ritual do mito da criação. Sendo uma mulher da terra (da cidade alta), ela, que sempre sentira rechaço pelo mar, o reino de sua rival maior e que leva todos os marinheiros algum dia para seu abraço fatal, aceita sua missão: longe de se prostituir, quebrando paradigmas, rebela-se contra a fatalidade que a acometera, ocupando o lugar de Guma no “Paquete Voador”, seu saveiro, tornando-se a primeira marinheira daquelas terras, auxiliada por Rosa Palmeirão, já uma ex-prostituta. Conforme Dias e Nascimento (2015, p. 7): “Enfim, o milagre tão esperado por D. Dulce, professora do povoado praiano, aconteceu, ‘viu uma mulher forte que lutava’. O destino que se mudaria,

² São fortemente influenciados pelo arquétipo da deusa aquelas figuras que repentinamente mudam todo o rumo da sua vida por um amor ou por um ideal. Talvez uma súbita conversão religiosa, fazendo com que a pessoa mude completamente de código de valores morais e até de eixo base de sua vida, [...]. Disponível em <http://www.raizesespirituais.com.br/orixas/iansa/> (Último acesso em 30-06-2018).

revelando uma nova consciência. A luta era o maior milagre”. Em vez de se entregarem à “vida fácil” no cais, ambas preferem se entregar à vida difícil no mar, juntando-se aos homens no duro labor de extrair dele o alimento físico e buscando nele o conforto espiritual: estando perto de Guma, no campo santo onde seu corpo foi recolhido e de onde jamais sairá, sentem-se mais fortes e mais unidas.

Pelo exposto acima, percebemos o quanto Jorge Amado foi ousado ao empoderar o elemento feminino no Brasil de 1936, em plena Era Vargas; mulheres que, segundo Belline (2016), “transgrediam e superavam códigos injustos”. No romance, vemos que anos antes de enviuar e tomar para si a missão de seguir os passos de Guma, Livia já havia fugido para se casar com esse homem que seus tios e suas ligações na cidade alta reprovavam. Contrariando todas as probabilidades de ser feliz ao lado dele, ela o foi; o que lhe inquietava com relação a ele era a necessidade que ele tinha de continuar sendo saveirista quando ela sabia que o futuro dele não diferiria dos outros homens do mar. Morto Guma, a reação de Livia ao resignificar sua vida surpreende o leitor, uma vez que ela “deixa de ser a mulher a esperar na praia para ser a mulher a mover-se nas águas” (NAKAGONE, 2016, p. 18). É então que o leitor percebe que a delicadeza da personagem não significa, em absoluto, fragilidade (*ibid.*, 2016). Seu nome evoca uma pele mortiça de quem vem da terra, da cidade alta. Contudo, seus olhos claros evocam as águas marítimas que a põem em paralelo com Yemanjá. Livia, a nova Yemanjá, inaugura um novo tempo.

O mito-narrativa *Mar Morto* aponta para a instauração de uma nova ordem social e econômica. A união laboral de Livia e Rosa Palmeirão em um ambiente falocêntrico como o cais de porto soteropolitano significa que um novo *modus faciendi* se inicia ali, com a mulher assumindo novos papéis sociais. Com essa atitude inesperada de duas mulheres que passaram pela vida de Guma em diferentes momentos, Jorge Amado inovou e fez seu público leitor refletir, como era comum acontecer na escrita desse autor que fez de sua arte um instrumento reivindicatório.

Yemanjá tira, mas também favorece; subtrai, mas também obsequia. Em outras palavras: mãe Yemanjá, como a **mãe suficientemente boa winnicottiana**, não dá a lição sem reconfortar; golpeia, mas também ampara (CÂMARA, 2011). Foi preciso que Guma morresse para que Livia e Rosa Palmeirão tivessem a sua catarse, a sua catábase e a sua anábase.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos esse trabalho ressaltamos a importância da presença de Yemanjá no folclore das águas no Brasil, onde ela ocupa o lugar de entidade aquática feminina mais venerada como um dia o foram a Iara e a Sereia Amazônica, e para a Umbanda, considerada a religião genuinamente nacional, moldada a partir do sincretismo religioso indispensável à manutenção das crenças advindas com os escravos subtraídos à África. Metamorfoseada para corresponder a uma necessidade espiritual dos negros africanos no Brasil, paulatinamente a Rainha do Mar foi sendo transferida dos terreiros das religiões afro-brasileiras para um plano mais ecumênico no nosso panorama sociocultural atual.

Este orixá está presente de maneira muito sólida na cultura brasileira contemporânea, segundo Prandi (2003), reiterando a teoria da *imago* materna e da **mãe suficientemente boa winnicottiana**, que a apresentam como uma entidade maternal e que, tal como a mãe ideal, dá o amor na mesma proporção que dá o castigo, imparcial e justa.

Em *Mar Morto* Yemanjá é uma personagem determinante e cuja presença ou ausência influencia direta ou indiretamente todas as outras personagens da obra; ela é a senhora do destino dos que vivem no e do mar, seu reino incontestado, ou dos que estão ligados a esses homens. Todos sabem que ela os ajudará até o dia em que os necessitará no fundo do mar. Essa sina previamente traçada e aceita como uma predestinação é questionada pelos que não são do cais do porto de Salvador e, no final da história, é quebrada pelas duas mulheres que marcaram a vida do protagonista, quando assumem os riscos de serem elas próprias as protagonistas de suas vidas e servirem de exemplo para outras mulheres que vivem sob a égide do medo e da superstição naquele meio, onde se teme Yemanjá como uma entidade vingativa e, até certo ponto, egoísta por reclamar seus homens para ela um dia.

O estudo acerca desse tema está longe de esgotar-se e é um fascinante universo onde o pesquisador pode e deve mergulhar, bebendo da fonte de nossas mais remotas e mais do que genuínas raízes para compreender nossas lendas, nossas tradições, nossas superstições e nosso folclore.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, J. A. Notas sobre o Ciclo das Mães na Mitologia Afro-Brasileira. **Análise Psicológica**, v. 1-2, n. 13, p. 39-45, 1995.
- ALMEIDA, R. **Manual da coleta folclórica**. Rio de Janeiro: Gráfica Olímpica Editora, 1965.
- AMADO, J. **Mar Morto**. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BARROS, C. A. **Iemanjá e Pomba-Gira: imagens do feminino na umbanda**. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 313 p., 2006.
- BASTOS, I. S. A visão do feminino nas religiões afro-brasileiras. **Caos - Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 14, p. 156 – 165, set., 2009.
- BELLINE, A. H. C. Representações do feminino. **Caderno de Leituras**, p. 26-39, 2016.
- BLASS, L. M.S. Dois de fevereiro, dia de Iemanjá, dia de festa no mar. **Revista Nures**, n. 5, p. 1-18, 2007.
- BRITTO, A. **Lendário amazônico: coletânea das lendas publicadas na revista Amazon View**. Manaus: Norte Editorial, 2007.
- BUENO, L. Uma releitura de Mar Morto. **Revista USP**, n. 95, p. 72-126, 2012.
- CÂMARA, Y. R. Sereia Amazônica, Iara e Yemanjá - Entidades Aquáticas Femininas dentro do Folclore das Águas no Brasil. **Agalia (A Corunha)**, v. 97/98, p. 115-130, 2009.
- CÂMARA, Y. M. R. Percepção, vivência e enfrentamento do sofrimento psíquico em crianças usuárias de Caps infantil. **Dissertação**, Faculdade de Medicina, Programa de Mestrado em Saúde Pública, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 124 p., 2011.
- CASCUDO, L. C. **Folclore do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1967.
- CASTRO, J. R. B. Paisagens e Visões Míticas, Questões de Gênero e a Cidade no Romance “Mar Morto”, de Jorge Amado. **Geograficidade**, v. 5, n. 2, 2015.
- CASTRO JÚNIOR, L. V.; Novaes, A. L.; Sacramento, S. R. S.; Carneiro, W. P. Odoiá! Yemanjá entre a praia e o asfalto: mito, história, corpo e festa. In **Festa e corpo: as expressões artísticas e culturais nas festas populares da Bahia**. Castro Júnior, L. V. (org.), Salvador: Edufba, p. 115-140, 2014.
- CUNICO, F. P. **Umbanda, meu caminho**. São Paulo: Ícone Editora, 2006.

DEL PRIORI, M. L. M. **Uma breve história do Brasil**. 1. ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2016.

DIAS, D.; Nascimento, M. T. Martins do. O Caminho da Mulher em Mar Morto e Capitães da Areia, de Jorge Amado: característica da identidade e representação. **Anais Eletrônicos ABRALIC**, XIV Congresso Internacional, Universidade Federal do Pará, Belém-Pará, p. 1-12, 2015.

FREITAS, M. S. Os orixás femininos no Brasil. **Anais do I Simpósio Internacional de Ciências das Religiões**. Programa de Pós-Graduação em Ciências as Religiões. João Pessoa – PPGCR – UFPB – CCHLA, 2007.

GALLEGO-BERNARD, M. S. G. Agua y espiritualidad: sociedad y utopía. **Revista de Ciencias Sociales**, n. 28, p. 1-24, 2006.

GERMANO, P. G. Jorge Amado: Romancista de Trinta e/ou Escritor de Utopias? **Hispanista**, v. 13, n. 51, p. 1-25, out.-dez., 2012.

IANSA. **Blog Raízes Espirituais**, 2017. Disponível em <http://www.raizesespirituais.com.br/orixas/iansa/> (Último Acesso: 15-09-2017).

LIMA, M. Estigmatização dos cultos afro - brasileiros: um estudo de caso do terreiro 'Ilê Axe Iemanjá Oba Omi'. **Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH**, São Paulo, p. 1-10, jul., 2011.

LIMA, T. S. S. O Candomblé de Jorge Amado: análise da presença do processo iniciático, do sistema de dádiva e dos rituais de sacrifícios no romance Mar Morto. **Anais do IV Congresso da ANPTECRE** v. 5, p. 1-8, 2015.

MAGALHÃES, B. **O folclore no Brasil**. Rio de Janeiro: Boletim do Instituto Histórico, 1939.

MARKALE, J. **La mujer celta – mito y sociología**. Barcelona: MRA, 2005.

NAKAGOME, P. T. Jorge Amado e o Sentido Plural de Revolução. **Miscelânea**, v. 20, p. 211-225, 2016.

OLIVEIRA, D. S. A Representação Feminina em Fogo Morto e Mar Morto. **Monografia de Conclusão de Curso**. Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Departamento de Letras, Curso de Licenciatura Plena em Letras, 40 p., 2011.

PENNA, L. C. A senhora das águas na Amazônia. **Revista Junguiana**, Publicação da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica, n. 18, p. 18 – 29, 2000.

PONCE, E. de S.; Godoy, M. C. de. A Cultura Afro-Brasileira na Construção de Personagens de Mar Morto e Ponciá Vivêncio. *Signótica*, v. 26, n.1, p. 193-215, 2014.

PRANDI, R. As religiões afro-brasileiras e seus seguidores. *Civitas*, v. 3, n. 1, p. 15-33, 2003.

RAMOS, A. *Estudos de Folk-Lore*. Rio de Janeiro: Casa do Estudante do Brasil, 1949.

RAYOL, L. de M. Precursoras: na Contramão do Óbvio. Um estudo sobre as primeiras (e inspiradoras) personagens femininas da obra de Jorge Amado. *Dissertação*, Programa de Pós-Graduação em Letras, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 106 p., 2011.

RIOS, M. Ainda, Narrativas de Jorge Amado. *Léguas & Meia: Revista de Literatura e Diversidade Cultural*, ano 3, n. 2, p. 72-85, 2004.

SANTOS, J. B. A Recriação dos Mitos de Iemanjá e Orungã: uma Leitura do Romance Mar Morto, de Jorge Amado. *Revista Decifrar*, Manaus, v. 1, n. 1, p. 1-19, jan.-jun., 2013.

VAUGHAN, P. A. O Mar como Metáfora nos Romances *Mar Morto* e *O Velho e o Mar* e na Peça Teatral *Riders to the Sea*. *Ver. de Letras*, v. 19, n. 1/2, p. 98-104, jan.-dez., 1997.